

MULHERES DE BRONZE: XAVIER DE MONTÉPIN E O FOLHETIM NO BRASIL

Leonardo Pinto Mendes¹
Renata Ferreira Vieira²

RESUMO: Interessado no diálogo, permanente e intenso, do romance-folhetim com a cultura de outros países, este trabalho tem como objetivo desenvolver um breve estudo sobre a divulgação desse bem cultural de origem francesa pela imprensa brasileira, por meio da publicação do folhetim *As Mulheres de Bronze (1ª parte)*, de Xavier de Montépin, na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em novembro e dezembro de 1879 ó um sucesso de público que seria perpetuado na transposição para outras mídias, ao longo do século XX.

Palavras-chave: romance-folhetim; Xavier de Montépin; melodrama.

Mulheres de Bronze: Xavier de Montépin and the feuilleton in Brazil

ABSTRACT: Taking as a point of departure the intense dialogue the *feuilleton* enacted with many national cultures, this paper aims, at briefly, studying the dissemination of this French phenomenon by the Brazilian press, by means of the publication of Xavier de Montépin's *Les Filles de Bronze: drame parisien*, by *Gazeta de Notícias*, in Rio de Janeiro, in November and December of 1879 ó a success that was meant to be perpetuated in other media during the twentieth century.

Keywords: *Feuilleton*; Xavier de Montépin; melodrama.

INTRODUÇÃO

Nas pesquisas seminais de Marlyse Meyer (1996) sobre o romance-folhetim, observa-se a correlação da trajetória do gênero com o conturbado período marcado pela luta de classes e organização operária na França, entre 1830 e 1871. Segundo essa perspectiva,

¹ Professor Associado do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. RJ, Brasil. leonardomendes@utexas.edu

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista FAPERJ. RJ, Brasil. rfv_30@yahoo.com.br

poder-se-ia dizer que o romance-folhetim tem origem na Pós-Revolução Burguesa de 1830 e se expande na Revolução de 1848. Época de grande efervescência social, cultural e política, que coincidiu com a democratização da imprensa na Monarquia de Julho, no governo de Luís Filipe (1773-1850), com o romantismo e com a implantação de um sistema educacional em todo país, que além de erradicar o analfabetismo, modificou o perfil da sociedade e ampliou as possibilidades do mercado editorial (NADAF, 2002; D'ANGELO, 2006).

Atentos ao novo cenário que se configurava na França, por meio do alargamento do contingente de leitores, os editores Émile de Girardin (1806-1881), com seu jornal *La Presse*, e Armand Dutacq (1810-1856), com seu *Le Siècle*, perceberam que essa multidão ávida de leitura lhes proporcionaria reduzir os custos dos jornais, como também lhes renderia grandes vantagens financeiras. Girardin e Dutacq incluíram no espaço vazio das páginas dos seus respectivos jornais o *Le feuilleton* ou rodapé e a publicação do romance-folhetim. Uma narrativa longa e melodramática repleta de personagens dos diversos tipos sociais, com ações que se multiplicavam por meio de capítulos, propiciando um enredo complexo que viria a seduzir o público-leitor e constituir um lugar de honra no jornal do século XIX (HOHLFELDT, 2003). Estratégia comercial que estimulou o interesse da multidão pela cultura literária, conforme observou Benjamin nas suas reflexões filosóficas sobre a modernidade em Paris, no ensaio "Sobre alguns temas em Baudelaire"

A multidão e nenhum tema se impôs com maior autoridade aos literatos do século XIX e começava a se articular como público em amplas camadas sociais, onde a leitura havia se tornado hábito. Tornou-se comitente, pretendendo se reconhecer no romance contemporâneo, como os mecenas nas pinturas da Idade Média. O autor de maior êxito do século acedeu a esta exigência por imposição íntima. Multidão significava para ele a multidão de cliente, do público, quase no sentido da antiguidade clássica. Hugo é o primeiro a dirigir-se à multidão em títulos como: *Os Miseráveis*, *Os Trabalhadores do Mar*. E foi o único, na França, que podia competir com o romance de folhetim (BENJAMIN, 1997, p. 114).

A aproximação da multidão à literatura estreitou a relação entre a imprensa e a ficção. Se antes o termo Literatura era compreendido, restritamente, como um grupo de obras e autores consagrados pela elite letrada, nos tempos modernos surge a literatura industrial, expressão cunhada pelo crítico francês Saint-Beuve (1804-1869) para se referir à grande circulação da produção literária via imprensa. Embora essa expansão de leitores incomodasse os reguladores das práticas culturais de prestígio, o surgimento da modalidade de arte comercial patrocinada pela imprensa permitiu a homens e mulheres comuns usufruírem de

uma cultura literária, ampliando a literatura para o grande público e garantindo o salário do fim do mês dos homens de letras (ABREU, 2003).

Na esteira dessa mentalidade, os escritores se lançaram à desafiadora empreitada de popularizar a literatura, colocando-a nas mãos e olhares curiosos dos leitores. Assim despontaram na imprensa francesa os romances-folhetins de Honoré de Balzac (1799-1850), Eugène Sue (1804-1857), Alexandre Dumas (1802-1870), Ponson Du Terrail (1829-1871), Paul Féval (1817-1887) e Xavier de Montépin (1823-1902), para destacar os de maior projeção. Seguindo semelhante caminho, os jornais brasileiros, como *Jornal do Comércio*, *Gazeta da Tarde*, *O país*, *Cidade do Rio*, *Gazeta de Notícias*, entre outros meios de circulação de periódicos da época, apresentavam ao grande público seu elenco de escritores renomados e estreados responsáveis pela elaboração dos romances-folhetins.

Interessado no diálogo, permanente e intenso, do romance-folhetim com a cultura de outros países, este presente trabalho estudará a divulgação desse bem cultural francês pela imprensa brasileira. Para isso, toma como objeto de estudo a trajetória do romance-folhetim *As Mulheres de Bronze (1ª parte)*, do escritor francês Xavier de Montépin, publicado pela *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro no final de 1879.

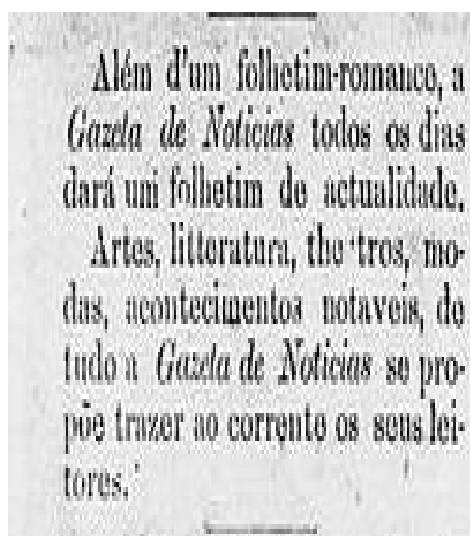
Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro: a grande divulgadora e financiadora das letras

A circulação transatlântica das ideias e dos impressos, incluindo nessa categoria o romance-folhetim, evidenciou a globalização cultural que ocorria nas práticas políticas, culturais e econômicas da França, da Inglaterra, de Portugal e do Brasil, ao longo do século XIX. O internacionalismo e o simultaneísmo do espaço-temporal configurado por esses países estabeleceram experiências de intercâmbio na vida cotidiana desses lugares e de suas populações (ABREU, 2011). Evidências que contrariam boa parte da crítica e das histórias literárias brasileiras produzidas a partir do modelo de interpretação do movimento da Semana de Arte Moderna de 1922, que costumam reduzir as relações internacionais na cultura brasileira a esporádicos contatos entre artistas brasileiros e movimentos estéticos europeus (HARDMAN, 1992).

Reiterando a interação intelectual existente entre esses países durante o século XIX, o acervo da imprensa brasileira comprova que os jornais de grande e pequeno porte, além de promoverem as ideias da época, divulgavam, constantemente, os produtos culturais de

diversas nacionalidades por meio da atividade dos profissionais que viabilizavam a circulação de ideias e impressos, como os editores, os escritores, os livreiros e os tipógrafos.

Na tipografia da Rua do Ouvidor nº 70, em 2 de agosto de 1875, numa segunda-feira, circulava pela primeira vez a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, fundada pelos editores Ferreira de Araújo, Manuel Carneiro e Elísio Mendes e pelos redatores Henrique Chaves e Lino de Assunção. Já na estreia do jornal, a redação divulgou aos leitores os objetivos da folha:



Colocando no seu folhetim de atualidade os acontecimentos notáveis da época, a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, ao longo da sua trajetória editorial, revolucionou a opinião pública do Império por meio da publicação de artigos de caráter liberal, abolicionista e republicano escritos por jovens escritores em ascensão, como Coelho Neto (1864-1934), Aluísio Azevedo (1857-1913) e Pardal Mallet (1864-1894), e jornalistas de prestígio, como José do Patrocínio (1853-1905), dentre outros (NOGUEIRA, 2006). O estímulo da *Gazeta* era tornar-se acessível ao grande público. Para alcançar os objetivos de larga divulgação e de conquistar a preferência do leitor, os editores valeram-se do recurso de redução do preço do jornal. Segundo Sodré (1966, p. 257), ao seu estilo barato, popular, liberal, vendido a quarenta réis o exemplar, a *Gazeta* contrapôs-se e concorreu com o único jornal consolidado da época, o *Jornal do Comércio*.

Tendo o epíteto de grande divulgadora e financiadora das letras, a *Gazeta* investia na contratação de escritores nacionais e estrangeiros para compor seu quadro de colaboradores, e dedicava atenção especial à elaboração dos romances-folhetins, seu produto cultural mais procurado (NOGUEIRA, 2006). Para agradar (e encantar) os leitores, a *Gazeta* publicava

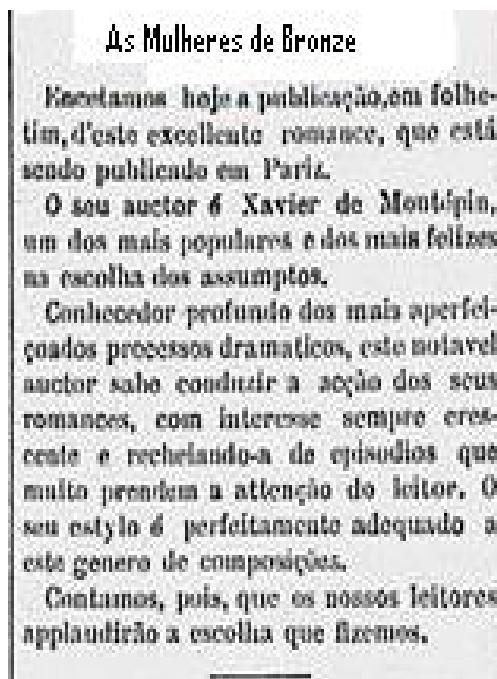
diariamente os romances-folhetins nacionais e/ou estrangeiros, traduzidos nas primeiras páginas ou nas folhas internas do jornal. Para não destoar o perfil de periódico contestador, que lançava moda e promovia debates acalorados nas ruas do Rio Antigo, a *Gazeta* buscava selecionar para o seu repertório de folhetins a produção ficcional de intelectuais que se alinhavam com a circulação de ideias modernas, como a abolição da escravidão, a queda da monarquia, a luta pela república e a emancipação da mulher.

Interessada na divulgação dessas ideias via literatura, a *Gazeta* importava, constantemente, textos franceses sobre as peripécias dos novos tempos modernos, que inspiraram as revoluções sociais e o imaginário de homens e mulheres de diversos lugares. Como agente mediador da divulgação dessa nova ideologia, o jornal convocava uma equipe de tradutores para aclimatar os textos europeus em terras brasileiras, com expressões e construções linguísticas que permitiam uma aproximação direta com os leitores locais (HEINEBERG, 2008). Nomes de autores renomados franceses tornaram-se populares e queridos pelo grande público no Brasil, como o romancista francês Henry Xavier Amon Perrin, o Xavier de Montépin. Assim como na França, Montépin conquistou fama e prestígio na imprensa brasileira por meio dos romances, novelas e dramas populares, dentre eles, o romance-folhetim *As Mulheres de Bronze*.

A estreia de *As Mulheres de bronze (1ª parte)* se deu no dia dezesseis de novembro de 1879, num domingo. A publicação em série da primeira parte do romance durou 45 dias ininterruptos, encerrando no dia trinta e um de dezembro de 1879, numa quarta-feira. A tradução do texto foi a partir do folhetim *Les Filles de Bronze: drame parisien*, que ainda estava sendo publicado na França, em comprovação do simultaneísmo das trocas culturais entre o Brasil e a Europa no século XIX. Embora o presente trabalho tenha os dados da estreia desse folhetim na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, por meio das consultas à fonte primária na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, não foi possível obter as informações sobre a identidade do tradutor brasileiro.

Tendo como subtítulo “A tragédia de Guayanila”, a primeira parte do folhetim narra a história de três irmãs Cora, Carmen e Maria, filhas de um poderoso fazendeiro, o francês Ricardo Bernier, e de uma escrava, Noêmia. Em meio ao turbilhão dos acontecimentos, a vida dessa família em Porto Rico passa da felicidade para o profundo infortúnio, desde a chegada intempestiva de um parente distante do fazendeiro, o senhor Marçal Dereyne, que usurpa a fortuna da família. A história revela o domínio do escritor sobre os modos de produção do romance-folhetim, pois Xavier de Montépin transforma uma trama de quarenta e três

capítulos numa grande máquina de contar histórias. Engenhosidade e domínio da arte seriada, tão apreciados pela opinião pública da época, conforme a publicação do artigo sobre a estreia do romance-folhetim pela *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro:



Fonte: *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro - Domingo, 16 de novembro de 1879

Xavier de Montépin veio da geração de folhetinistas que iniciou a carreira literária na imprensa, ao contrário dos seus antecessores que, antes de escreverem em jornais, vieram do meio literário e eram reconhecidos como romancistas, como Eugène Sue, Dumas e Balzac (D'ANGELO, 2006). Sendo um escritor que produzia para o mercado, Montépin se valia dos mais aperfeçoados processos dramáticos para conquistar a atenção do leitor e seu interesse para acompanhar o desenrolar da trama, assim como provocar o crescimento do número de assinantes para o jornal contratante (MEYER, 1996).

Em *As Mulheres de Bronze* (1ª parte), os processos dramáticos empregados na narrativa ressaltam a elaboração de construções discursivas próprias do gênero do romance-folhetim. A condução das ações desenvolvidas no romance parte da organização de pequenas histórias paralelas (blocos narrativos) que inserem cada nova ação, novos personagens, diversas ambientações, fenômenos naturais (ciclones, tempestades, enchentes), suspenses, interrupções em momentos decisivos e vários conflitos periféricos aglutinados ao tema principal (MEYER, 1998). No I capítulo, o leitor imagina que terá logo a descrição, a

narração e os pormenores das protagonistas, mas não é isso que acontece. Antes de conhecer a vida das irmãs Cora, Carmen e Maria em Porto Rico, o leitor conhecerá, minuciosamente, outro personagem de suma importância para ações futuras na narrativa, o foragido João Renaud. Um estelionatário especialista na arte dos disfarces que foge do navio Dourada (um tipo de fragata francesa destinada para os presos condenados a galés perpétuas) para tentar a sorte em terra estrangeira.

A preferência de Xavier de Montépin pela apresentação detalhada de João Renaud na história não é ingênua. A inserção desse personagem no primeiro plano narrativo serve para localizar o espaço-temporal do romance, Mar das Antilhas (ou do Caribe), 06 de abril de 1853, e, principalmente, para encadear (e estender) uma série de temas, ou pontos narrativos-chaves do folhetim, entre eles, o testamento desconhecido, a chegada de um parente distante, a usurpação da fortuna e os meios para recuperá-la e a vingança. Ao fugir do navio Dourada, ancorado no Mar do Caribe, e ser socorrido por Cora na praia de Guayanila, em Porto Rico, João Renaud transforma-se num elo que une seus conflitos ao do enredo principal. Para não ser descoberto pelas autoridades locais, apresenta-se a Cora como Miguel Servan. A identidade dupla do personagem serve para que os pontos narrativos-chaves do folhetim transformem-se, especialmente o tema da vingança, numa sequência de episódios recheados de fortes emoções que prolongam o prazer da leitura e criam grande expectativa nos leitores.

Depois de assassinar o próprio tio, o rico fazendeiro Ricardo Bernier, Marçal Dereyne usurpa a fortuna da família e transforma as primas e a mãe delas em escravas. Com a chegada inesperada (e justiceira) do tabelião Sigismundo Leroy, amigo do seu tio e porta-voz do testamento desconhecido, Marçal foge, e Cora consegue recuperar a fortuna da família, apesar dos sofrimentos que passou ao lado das irmãs e da mãe. Essa, não aguentando os castigos impingidos pelo feitor a mando do usurpador, morreu ao receber as dez chicotadas no pátio da fazenda. Com sede de justiça, Cora, ao saber do paradeiro do primo numa carta recebida de um amigo francês, decide ir para Paris para vingar-se do algoz de sua família, travestida de homem. Quando o leitor começa a tomar conhecimento sobre o plano de vingança de Cora com o apoio de João Renaud, o romance emprega a estratégia narrativa de reservar o desfecho dessa ação importante para a segunda parte do folhetim, "O evadido da Dourada" em 07 de janeiro de 1880. A interrupção da narrativa em momento decisivo evidencia o objetivo de prolongar os conflitos dos personagens para o próximo mês.

O "continua amanhã" instaurado na narrativa aponta, também, outras ações pendentes, como o suposto triângulo amoroso entre João Renaud, Cora e Armando Dorsay, o

oficial do navio Dourada. Durante as descrições do narrador onisciente sobre os sentimentos da heroína em contato com esses dois homens, percebe-se que Cora nutre uma paixão pelo oficial, mas não é indiferente ao charme e ao mistério em torno do foragido. O enredo do folhetim cria uma oscilação sentimental e moral da protagonista entre a lei e a ordem, simbolizada pelo Dorsay, e a transgressão, representada pelo Renaud. A hesitação de Cora só será resolvida (ou não) com a continuidade da história e da leitura, conforme o propósito do tratamento ficcional das narrativas elaboradas pelas técnicas de escrever romance em série.

Os episódios recheados com a criatividade de um romancista comercial demonstram o interesse de Xavier de Montépin de assegurar um contrato longo na imprensa. Ao estender a trama folhetinesca por meio do plano de vingança de Cora, o folhetinista francês garantia para si, para imprensa francesa e para própria *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, um retorno financeiro seguro. Uma prática literária indispensável para atender às necessidades da literatura via imprensa, conforme observa Antonio Candido:

[...] a vingança, como tema, permite e mesmo pressupõe um amplo sistema de incidentes, a ficção seriada, como gênero, exige a multiplicação de incidentes. Daí a frutuosa aliança referida, que atendia às necessidades de composição criadas pelas expectativas do autor, do editor e do leitor, todos os três interessados diretamente em que a história fosse a mais longa possível: o primeiro, pela remuneração, o segundo, pela venda, o terceiro, pelo prolongamento da emoção (CANDIDO, 1964, pp. 15-16).

Embora o interesse da primeira parte de *As Mulheres de Bronze* ó A tragédia de Guayanila ó estivesse mais focado no desenvolvimento das ações de Cora e de João Renaud, observa-se nesse romance-folhetim a abordagem de temas significativos para a época, como a miscigenação, a abolição da escravidão e a emancipação da mulher. Questões que dialogavam e se afinavam com a ideologia do jornal no qual foram publicados os capítulos desse folhetim. O sincronismo entre o lugar ideológico de onde Xavier de Montépin enunciava seu discurso literário e o posicionamento liberal, abolicionista e republicano da própria *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro estreitava, ainda mais, os laços culturais entre França e Brasil no final do século XIX. Esse enlace intelectual é observado nas colocações do narrador sobre os novos tempos sem escravidão. Ao descrever a opulência do fazendeiro, Ricardo Bernier, à custa do trabalho escravo, no Capítulo III do dia dezenove de novembro de 1879, o narrador, em diálogo com leitor, julga apropriado enfatizar a iniciativa pioneira de alguns países em abolir a escravidão:

[...] A sua casa no alto da colina e dominando o mar era, interiormente, não de um luxo principesco, mas de um confortável inteligentemente compreendido. O parque, vastíssimo, descia até a baía. À direita e à esquerda da casa, propriamente dita, eram os

armazéns em que empilhavam as sacas de açúcar, os fardos de algodão e tabaco, os barris de rum. Mais longe, os engenhos, as fábricas de refinação, grandes como aldeias, os currais e as estribeiras, grandes como cidades. Ricardo Bernier ocupava na sua lavoura quinhentos homens livres e cerca de seis mil escravos. *Convém fazer observar, ainda que de passagem, que a Espanha foi a última a seguir o exemplo dado pela França, pela Inglaterra, pela Suécia e Dinamarca.* Só em 1873 é que foi abolida a escravatura nas colônias espanholas. A Holanda aboliu-a em 1812, os Estados Unidos e o Brasil em 1871 (*As mulheres de Bronze* por Xavier de Montépin).

Confirmando a divulgação do artigo de estreia de *As mulheres de Bronze* e a repercussão de seus folhetins publicados na França e no Brasil, o romancista francês Xavier de Montépin demonstrou ser um conhecedor profundo dos processos criativos do gênero romance-folhetim e das exigências do mercado literário. Montépin concedeu à história das três irmãs, Cora, Carmen e Maria, um fôlego incansável e uma leitura longa (e desejada) na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

A transposição do gênero romance-folhetim

A expressiva recepção do romance-folhetim *As Mulheres de Bronze* (1ª e 2ª parte), no Brasil, foi além da grande procura pelos jornais da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, no período de 1879 a 1880. No final do século XIX, o nome de Xavier de Montépin era tão popular entre os leitores de jornal, que Olavo Bilac (1865-1918), Guimarães Passos (1867-1909) e Pedro Rabelo (1868-1905) passaram a assinar folhetins com o pseudônimo de Xavier de Monte Pinho, como fizeram em *Coração sem alma*, publicado em *O Filhote*, de 8 de dezembro de 1896 a 8 de janeiro de 1897.

Depois do grande sucesso de público do final do século XIX, o texto de Xavier de Montépin passou por três processos de transposição. O primeiro foi para o gênero romance publicado em formato de livro, aproximadamente em 1930; o segundo foi para a radionovela na Rádio Nacional, em 1940, e o terceiro foi para telenovela, *Almas de Pedra*, em 1966, autoria de Ivani Ribeiro (1916-1995) e direção de Walter Avancini (1935-2001), apresentada na TV Excelsior (a atual TV Gazeta de São Paulo) às 19h30m, de março a junho daquele ano.

Das três transposições do texto de Xavier de Montépin, a terceira foi a mais relevante, porque a versão do folhetim eletrônico de *As Mulheres de Bronze* tornou-se um marco da incipiente teledramaturgia brasileira (ALENCAR, 2004). Contextualizada no Brasil de 1870 a partir dos conflitos da escravidão, a luta pela Proclamação da República e a opressão da mulher, a novela *Almas de Pedra* conta a história do empenho das três irmãs

Cristina, Naná e Ruth em vingar a morte do pai, o fazendeiro Oscar Ramalho, assassinado pelo Leôncio Vilaça, o usurpador da fortuna da família. Para alcançar o objetivo, Cristina (interpretada pela atriz Glória Menezes) decide disfarçar-se de homem, assume a identidade de Cristiano e toma aula de masculinidade com Danilo (interpretado pelo ator Tarcísio Meira), um fugitivo da justiça. Nessa busca por vingança, Cristina, transformada em Cristiano, acaba apaixonando-se por Danilo, seu professor.

De um texto melodramático, longo e seriado publicado regularmente nas páginas dos jornais franceses e brasileiros no século XIX, aos avanços tecnológicos da rádio e da televisão, o romance-folhetim *As Mulheres de Bronze*, de Xavier de Montépin não perdeu seu vigor ao ser adaptado para os outros suportes midiáticos. Essa retomada ao modelo narrativo do romance-folhetim demonstra a longevidade do gênero na história da literatura, como também sua flexibilidade para tornar-se atraente para diversos públicos.

Considerações Finais

Embora a historiografia tradicional relegue um lugar de literatura menor para o romance-folhetim, sua circulação ampla significou uma evolução poderosa nas práticas e nas produções literárias da primeira e da segunda metade do século XIX, na França e em outros países, como Inglaterra, Portugal e Brasil. Tendo sua origem atribuída ao início das revoluções populares francesas, o romance-folhetim abria caminhos para homens e mulheres comuns usufruírem da arte literária. Diante dessa expansão, a leitura deixaria de ser apanágio de poucos para ser um prazer de muitos. Para reverter essa circunstância incômoda para os escritores e os leitores da elite letrada, foram criadas estratégias para controlar as práticas culturais, por meio da construção de novos sinais de distinção e o gosto e a beleza (ABREU, 2003). Associado às massas, ou pelo menos ao leitor popular, o folhetim foi julgado, desde suas origens, um gênero de mau gosto, desautorizado pelos historiadores e por isso (até pouco tempo) desconhecido da historiografia.

Indiferente a esse processo e a marcas de distinção, o folhetim reafirmou-se como um gênero que atravessou diversas mídias e continua vivo. Sua extensa trajetória sugere que não há literatura boa ou ruim, mas, sim, variados modos de dizer que concorrem à atenção e ao interesse dos leitores (BOURDIEU, 1996). Compreender a Literatura como um conjunto de relações de forças que incidem no campo literário, com objetivo de viabilizar a circulação e a publicação de obras, nos permite entender que o gênero romance-folhetim foi um marco

da globalização da cultura e da venda dos impressos no século XIX e uma influência inconfessável para muitos autores renomados, como José de Alencar (1829-1877) e Machado de Assis (1839-1908).

Referências Bibliográficas:

ABREU, Márcia. Letras, Belas Letras, Boas Letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (org.). *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado de Letras, 2003, pp. 11-69.

ABREU, Márcia. *A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*. Projeto de Pesquisa desenvolvido pelo Apoio da FAPESP, 2011.
<http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/45121/a-circulacao-transatlantica-dos-impressos-a-globalizacao-da-cultura-no-seculo-xix/>

ALENCAR, Mauro. *A Hollywood brasileira*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

BAKHTIN, Michael. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III ó Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. In: *Estudos Avançados*. Vol.20, nº 56. São Paulo, 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000100016>

FANINI, Ângela Maria Rubel. *Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas*. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

HARDMAN, Francisco F. Antigos modernistas. In: NOVAES, Adauto (org). *Tempo e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetória do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajетórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado das Letras, 2008, pp. 497-522.

HOHLFELDT, Antônio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDUPUC, 2003.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

_____. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Editora UFRJ, 1998.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais do Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

NOGUEIRA, Clara Miguel Asperti. *A vida carioca nos jornais: Gazeta de Notícias e a defesa da crônica*. *Revista Contemporânea* (UERJ. Online), v. 07, p. 45-55, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

Jornal consultado: *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro período 16/11/1879 a 31/12/1879, Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional.

Recebido em 14 de setembro de 2013.

Aprovado em 27 de outubro de 2013.